

NARRATIVAS DE MULHERES JOVENS ATRAVÉS DE IMAGENS NAS REDES SOCIAIS: DISPOSITIVO DE JUVENTUDE NOS ATRAVESSAMENTOS COM GÊNERO

Nathalye Nallon Machado¹
Anderson Ferrari²

Resumo

Este artigo é resultado de uma pesquisa realizada com 7 mulheres jovens e seus processos de subjetivação que são construídos por meio das imagens produzidas e expostas nas redes sociais de cada uma das participantes. Um movimento de investigação que se traduzia na seguinte questão a ser investigada: como os processos de subjetivação de mulheres jovens são atravessados e atravessam os dispositivos de feminilidade? Para acessar esses processos, assumimos, como procedimento metodológico, o trabalho a partir do que as mulheres participantes divulgavam de imagens e narrativas de si em fotografias feitas por outras pessoas e postadas nas redes sociais, entendendo-as como parte dessa rede atual de constituição dos sujeitos, especialmente como parte dos dispositivos da feminilidade e que constituem modos de ser mulher jovem na contemporaneidade. A perspectiva teórica que sustenta nossas análises está centrada nas abordagens de Michel Foucault, que nos permitiu problematizar como essas mulheres vão dizendo de si através das imagens e, sobretudo por meio do que constroem sobre essas imagens.

Palavras chave: mulheres jovens, dispositivo de juventude, gênero, educação

Abstract

This article is the result of a research carried out with 7 young women and their subjectivation processes that are constructed through the images produced and exposed on the social networks of each of the participants. A movement of investigation that translated into the following question to be investigated: how are the processes of subjectification of young women crossed and crossed by the devices of femininity? In order to access these processes, we assume, as a methodological procedure, the work from what the participating women divulged of images and narratives of themselves in photographs taken by others and posted on social media, understanding them as part of this current network of constitution of the subjects, especially as part of the devices of femininity and that constitute ways of being a young woman in contemporary times. The theoretical perspective that supports our analyzes is centered on the approaches of Michel Foucault, which allowed us to problematize how these women are saying about themselves through images and, above all, through what they build on these images.

Keywords: young women, youth device, gender, education

¹ Licenciatura em Pedagogia pela UFJF, Mestre em Educação pela UFJF

² Professor adjunto da Faculdade de Educação da UFJF, professor permanente do PPGE/UFJF, Coordenador do GESED/UFJF

Introdução

Numa conversa com Claude Bonnefoy, em 1968, Michel Foucault define a sua relação com a pesquisa e com a escrita. “Atualmente, o problema que me preocupa, que, na verdade, não parou de me preocupar, de 10 anos para cá, é este: numa cultura como a nossa, numa sociedade, o que é a existência das falas, da escrita, do discurso?” (FOUCAULT, 2016, p. 41-42). Queremos ampliar essa preocupação foucaultiana com a existência das falas, da escrita e do discurso na constituição dos sujeitos, que pautou nossa investigação com mulheres jovens narrando seus processos de subjetivação a partir do que produzem e postam nas suas redes sociais, para pensar: o que vem à tona quando mulheres jovens falam de si? Numa sociedade patriarcal como a brasileira, colocar as mulheres jovens como protagonistas de suas próprias histórias, para problematizar os discursos que constituem essas mulheres, é uma forma de narrativa de resistência. Narrativas que se materializaram em escrita e aparecem neste artigo para que possamos questionar os modos de aparição e de funcionamento dos discursos sobre essas mulheres nos atravessamentos com faixa etária e gênero. Interessado por esses jogos discursivos e seus efeitos nos sujeitos, Foucault continua:

Os discursos não são apenas uma espécie de película transparente através da qual se veem as coisas, não são simplesmente o espelho daquilo que é e daquilo que se pensa. O discurso tem sua consistência própria, sua espessura, sua densidade, seu funcionamento. As leis do discurso existem como as leis econômicas. Um discurso existe como um monumento, como uma técnica, como um sistema de relações sociais, etc. (FOUCAULT, 2016, p. 42).

Na analítica de Michel Foucault os sujeitos são seres discursivos. Quando nascemos, já viemos para um mundo discursivamente organizado, de maneira que somos muito mais resultado dos discursos do que propriamente produtores deles. A perspectiva foucaultiana e a pós-estruturalista orientam nossas análises neste artigo, servindo de base para interrogar o presente e os processos de constituição dos sujeitos, especialmente nosso entendimento dos dispositivos de feminilidade e de juventude que atravessam nossas

participantes, um grupo de sete mulheres jovens, que aceitaram o convite de contar sobre suas relações com as imagens que constroem de si e publicam nas redes sociais. São elas: Carla, Aurélia, Amélia, Laura, Vânia, Kátia, Diana³. Todas elas são alunas e ex-alunas de uma mesma escola pública municipal, localizada num bairro de periferia, que atende a essa população de baixa renda. São amigas que se conheciam e formavam um grupo na escola, fazendo com que a escola esteja presente o tempo todo na pesquisa, tanto como espaço onde nos reuníamos para a realização dos grupos focais, quanto “cenário” para a produção de fotos que iam para as redes sociais e, sobretudo, como local de negociação, discussão e comentários sobre o que postavam.

Neste momento, é importante deixar claro que este texto é resultado de uma pesquisa mais abrangente que tinha como foco os processos de subjetivação que são construídos por meio das imagens produzidas e expostas nas redes sociais de cada uma das participantes. Um movimento de investigação que se traduzia na seguinte questão a ser investigada: como os processos de subjetivação de mulheres jovens são atravessados e atravessam os dispositivos de feminilidade? Para acessar esses processos, assumimos, como procedimento metodológico, o trabalho a partir do que as mulheres participantes divulgavam de imagens e narrativas de si em fotografias feitas por outras pessoas e postadas nas redes sociais, entendendo-as como parte dessa rede atual de constituição dos sujeitos, especialmente como parte dos dispositivos da feminilidade e que constituem modos de ser mulher jovem na contemporaneidade. A pesquisa foi realizada a partir da observação nas páginas construídas e públicas das participantes, além da organização de nove encontros de grupos focais (entre agosto de 2017 e outubro de 2018) em que discutimos algumas temáticas, tais como a construção de um autorretrato, as discussões em torno da rede de sociabilidade na definição das imagens a serem publicadas, dentre outras.

Para este trabalho, nos questionamos sobre a maneira como chamar e nos referir às pessoas que

³ Os nomes das participantes são fictícios. Buscamos, assim, preservar o anonimato em torno dessas mulheres que juntas construíram esta pesquisa com suas falas, que aparecerão sempre em itálico para diferenciar das demais citações.

fazem esta pesquisa. Não são meninas, além disso, não gostaríamos de trazer o termo adolescência para este texto por seu viés ideológico, carregado de sentidos médicos, psicologizantes e preconceituosos. Perguntamos para elas se poderíamos chamá-las de mulheres jovens, se assim se viam e se entendiam. As respostas vieram positivas. Vânia nos forneceu uma resposta interessante:

Penso que sou uma mulher, acho que todas nós também somos porque a maioria aqui já namora e toma as suas próprias decisões. Assim, quero dizer que sou mulher, mas sou jovem também (Vânia)

O critério de Vânia que a coloca na categoria mulher liga-se ao fato de já ter uma vida afetiva e um relacionamento. Tomando como referência a cultura visual, podemos entender as fotos *selfies* como parte de um movimento que nos educa e nos enquadra por meio das imagens. No emaranhado de mensagens imagéticas que nos rodeiam, vamos nos constituindo e construindo imagens sobre nós, sobre os outros e sobre o mundo. Para problematizar o dispositivo de feminilidade, juventudes e imagens de si nos processos de constituição de mulheres, vamos demonstrar as possibilidades que existem pela presença de dispositivos na nossa vida. O conceito de dispositivo é acionado para que possamos colocar sob suspeita as maneiras pelas quais as coisas no mundo vão nos afetando, nos transformando e, muitas vezes, nos adequando e/ou modificando (FOUCAULT, 1988).

Por meio de nossas imagens, é possível vincular-se às causas, assuntos, interesses e grupos com os quais estabelecemos identificação e pertencimento. Por meio das *selfies*, as mulheres jovens desta pesquisa exploram o que consideram o melhor de si, fazem da imagem um espelho, divulgando a verdade que criaram para si e para quem as vê. Quando selecionam para publicar o que consideram o “melhor de si”, as jovens já dizem da relação com as outras e outros, com os sentidos, os saberes e com o mundo. Entretanto, assim como na vida *off-line*, existem preferências, popularidade, ansiedade, depressão e solidão na rede. As jovens mulheres que fazem parte deste trabalho produzem e são produzidas pelas feminilidades, entendendo feminilidades como dispositivo que muitas vezes as

define, molda, limita e/ou expande. Nem todas são brancas, nem todas são magras, nem todas são heterossexuais, tampouco cristãs. São múltiplas, contudo, a juventude, a classe social e o gênero feminino as unem e os dispositivos de feminilidade atuam em suas existências de formas diferentes, todavia, de maneira efetiva.

Os trabalhos de Michel Foucault mostram que vamos nos constituindo por diferentes e diversos discursos, práticas, técnicas e tecnologias. Essa forma de pensar é importante para entendermos como somos resultados de saber-poder e de tecnologias humanas, como as escolas, as mídias, as redes sociais. Esses espaços, formas de saber e agir vão sendo atravessados por relações de saber-poder e vão disciplinando e produzindo sujeitos pelas práticas discursivas e não-discursivas. Como argumenta Nikolas Rose (2001), essas tecnologias humanas são partes indispensáveis nos processos de subjetivação. Para ele, as tecnologias humanas são “montagens híbridas de saberes, instrumentos, pessoas, sistemas de julgamento, edifícios e espaços, orientados, no nível programático, por certos pressupostos e objetivos sobre os seres humanos” (ROSE, 2001, p. 38). Hoje em dia, os processos de subjetivação são marcadamente diversos, múltiplos, plurais e divergentes (ROSE, 2001). Com isso, nossa subjetividade também se caracteriza como heterogênea, plural e divergente, visto que ela é resultado das relações de saber-poder que organizam nossas experiências. As redes sociais são hoje uma dessas tecnologias de saber-poder que tem exercido uma importante função nos processos de subjetivação, tanto de mulheres quanto de homens.

A problematização das imagens *selfies* de sete mulheres jovens e os processos de subjetivação é o que buscamos na condução da pesquisa. Segundo James Marshall (2008), há uma perspectiva de pesquisa em Foucault, que podemos chamar de “problematização”. Marshall explora essa abordagem “como uma possibilidade para fazer pesquisa educacional” (MARSHALL, 2008, p. 25). Para Michel Foucault, problematizar está diretamente ligado à história do pensamento.

Pensamento não é o que se presentifica em uma conduta e lhe dá um sentido; é, sobretudo, aquilo que permite tomar uma distância em relação a essa

maneira de fazer ou de reagir, e tomá-la como um objeto de pensamento e interroga-la sobre seu sentido, suas condições e seus fins. O pensamento é liberdade em relação àquilo que se faz, o movimento pelo qual dele nos separamos, constituímos-lo como objeto e pensamos-lo como problema (FOUCAULT, 2006, p. 231-232).

O que Foucault nos convida a realizar tomando a problematização como abordagem de pesquisa é questionar significados, condições de existência daquilo que pensamos e como agimos, enfim, é um convite para nos colocar sob suspeita, tratando o objeto do pensamento como um “problema”. Essa abordagem nos possibilita colocar o sujeito como resultado de processos educativos para problematizar nossas formas de pensar e agir. Portanto, queremos transformar em problema de investigação os modos de subjetivação dessas sete mulheres jovens por meio de dispositivos de feminilidades. Edgardo Castro (2016), em *Vocabulário de Foucault*, define o conceito de dispositivo:

o dispositivo é a rede de relações que pode ser estabelecida entre elementos heterogêneos: discursos, instituições, arquitetura, regramentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, o dito e o não dito (CASTRO, 2016, p. 124).

Considerando que dispositivo é uma rede, estamos trabalhando com a ideia do feminino como um dispositivo, como resultado dessa “rede de relações”, de que as imagens fazem parte. Se o feminino é resultado dessa rede de relações, ele está em constante construção e desconstrução. Assim, podemos problematizar sua constituição, colocando sob suspeita a essência do feminino, entendendo o gênero como construção que implica no contato com a cultura e as relações que se estabelecem por meio dela. Elas, as mulheres jovens com as quais pesquisamos, se movimentam na construção de si mesmas, dançam e deixam nascer o que há no mundo, nascer em si, subjetivando-se e dessubjetivando-se em uma dança incansável para se constituírem.

Dispositivo de feminilidades e juventude

As jovens se transformam por meio dos discursos que se materializam em objetificações que são mais ou menos próximas ao que elas entendem como verdade em suas vidas. Foi interessante perceber, por exemplo, que o dispositivo de feminilidade atuou em Carla, em um momento especial, de maneira a padronizá-la como a moça dos contos de fada. Nessas observações da atuação do dispositivo, utilizamos como referência a comemoração de 15 anos dela e, também, as experimentações várias de se encontrar como mulher e como jovem, que permanecem ativas. Essa forma de Carla se apresentar ao mundo em sua comemoração de 15 anos estabelece a relação entre juventude e feminilidade, num momento que socialmente marca a passagem da fase da infância para a juventude. Esses dois dispositivos atuam na maneira como essa jovem mulher compreende e é atravessada por regras, imagens, discursos. Eles se estabelecem, na vida de Carla, por meio de um discurso potente em que o poder de ser vista e admirada por todas e todos adquire um *status* protocolar. O poder desse discurso de juventude juntamente com a construção do gênero feminino às vezes é sutil, outras vezes, é incisivo, entretanto, presente: “o poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares” (FOUCAULT, 2009, p. 103).

A imagem de Carla, em sua festa de 15 anos, tem pouca relação com a maneira em que se apresenta cotidianamente. Foucault (1999, p. 148) dizia que “o poder, longe de impedir o saber, o produz”. Problematizar quais são os padrões femininos valorizados socialmente veio de um poder que muitas vezes se impõe sobre as mulheres. Ser obediente, cuidadosa com a aparência, ter poucos parceiros sexuais e afetivos – desconsiderava-se a ideia de lesbianidade, transgeneridade, bissexualidade, por exemplo – foi um imperativo durante anos e reflete até os nossos dias.

A ciência, a televisão, as revistas femininas como as de fotonovelas⁴, *Capricho*, *Atrévada*, *Nova*, *Marie Claire*, entre outras que circularam e ainda circulam entre nós, traziam modelos de feminilidade e de juventude que eram ensinados e perseguidos por muitas mulheres. Na atualidade, esses modelos de

⁴ Publicações dos anos 1970, 1980, 1990 e anos 2000. Algumas ainda existem impressas e em versões virtuais.

feminilidade e de juventude estão presentes e permanecem sendo investidos nos meios digitais, estão nas mãos delas por meio dos celulares e são reproduzidos, produzidos, divulgados pela ação de cada uma delas nas imagens que fazem e compartilham de si. Aquelas que se atrevem a ser dissidentes sofrem com a indiferença, o desprezo e também o descrédito acerca da sua feminilidade. Esses dispositivos produzem saberes sobre o que é ser mulher e atuam de maneira diferente em cada uma delas, de maneira que não podemos considerá-los como absolutos, já que seus efeitos não são os mesmos em todas as mulheres, considerando que a categoria mulher não é homogênea.

Essa representação de uma imagem de mulher jovem se aproxima do que Foucault chamou de “tecnologias do poder”. Essas tecnologias atuam nas formas como agimos e somos disciplinados por meio do entendimento de que podemos ser punidos. Em *Vigiar e Punir – nascimento da prisão* (2014), Michel Foucault se dedica a uma análise do poder disciplinar que veio se constituindo com o nascimento da prisão, que “educou” os corpos em seus processos educativos. As tecnologias de poder atuam na construção das imagens de si, pois cerceiam o que pode e o que não pode vir a público, sob o risco do escárnio, do deboche e do isolamento que daí pode surgir. O dispositivo age nessa fresta: atuam ensinando modos de ser e viver. Assim sendo, podemos dizer que muitas vezes representamos, jogamos e inventamos um sujeito. Compreender isso e utilizar-se desse saber para se entender é algo fascinante, quer seja para viver nesta sociedade, quer seja para “enfrentar” uma festa de 15 anos, em que todas e todos a miram, avaliam-na, admiram-na, enquadram-na.

Como se trata de sete mulheres com a mesma faixa etária, elas comemoraram seus aniversários de 15 anos num recorte de tempo muito próximo, de maneira que a festa de uma servia para reforçar esse modelo de comemoração entre o grupo, além de movimentar a escola com as escolhidas e os escolhidos para serem convidadas e convidados, com a distribuição dos convites, com os comentários antes e depois das festas e com as fotografias que eram selecionadas para ir para as redes sociais. Carla e Aurélia fizeram festas tradicionais, num modelo em que um tipo de feminino era fortemente investido. Vânia, ao contrário de Carla e Aurélia, comemorou seu aniversário de 15 anos com

poucas referências ao mundo cor de rosa dos contos de princesa. Umbandista e torcedora do time do Flamengo, do Rio de Janeiro, a referência de Vânia foram as cores vermelho e preto em sua festa: cores do seu time de coração e também de entidades da umbanda chamadas Pomba Gira ou Pombogira⁵.

A despeito de o dispositivo de feminilidade atuar de diferentes formas em Carla, Aurélia e em Vânia, ele está presente, vez que as três comemoraram a data dos 15 anos, que, tradicionalmente, é o marco da entrada da “moça” na sociedade. Todas três, mesmo sendo pertencentes a uma classe com baixa renda, reproduziram um modelo de festa socialmente conhecido, com valsa, aluguel de salão de festa, ou seja, realizar esse “sonho” exigiu um certo sacrifício da família. Um sacrifício que ligou o sonho das três mulheres com o da família, que, assim, pareceu cumprir um rito socialmente valorizado na constituição dessas mulheres.

As outras quatro mulheres participantes da pesquisa só não realizaram o mesmo modelo de festa pela impossibilidade financeira e não porque se desprendiam desse modelo de comemoração. No entanto, participaram efetivamente das festas, como se fossem delas também, investindo em roupas novas, combinando maquiagens, ajudando na escolha de convidadas e convidados, na distribuição dos convites, aparecendo nas fotos, tirando suas fotos particulares, aparecendo nas fotos que foram para as redes sociais, enfim, ações que compunham um coletivo de mulheres jovens que se fortalece nesses laços ritualísticos do gênero feminino. De maneiras distintas, comemoraram essa data, talvez não importante para jovens da mesma idade, o que nos leva a compreender que o dispositivo da feminilidade e de juventude atuam construindo formas de ser mulher na relação que estabelecem com

⁵ Na definição de Francineide Marques da Conceição Santos e Denise Botelho: A Pomba-Gira é a representação de uma mulher que está fora dos padrões da sociedade calcada no racismo e no machismo. É uma mulher que tem autonomia, acesso às ruas e encruzilhadas, tem acesso a sexualidades, inclusive como meio de vida e controla a sua própria existência. Pomba-gira é uma entidade, um espírito da Umbanda. Disponível em: http://www.en.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499475630_ARQUIVO_DePomba-giraaPretaVelhaFortalecimentodeidentidadesemmulheresnegras.pdf

os homens e no interior do próprio gênero feminino, de maneiras distintas, todavia, sem apostar numa categoria homogênea.

A maneira de vestir é acionada por um dispositivo que coloca as jovens em lugares diferentes de entendimento de suas construções como mulheres. A produção da “moça debutante” é construída por meio de múltiplos discursos e tanto Aurélia, quanto Carla e Vânia se apropriam daquele que lhes parece mais conveniente. Na diferença vão aprendendo mais sobre si mesmas. Ao refletir acerca das diferenças, entendemos que por elas vamos construindo formas de saber, de conhecer. Fabiana de Amorim Marcello (2004) diz que a diferença é

“produtiva”: produz (pre)conceitos, nomes, (novas) diferenças e singularizações; produz efeitos e formas de espetáculo. A diferença produz padrões, modelos, regras de como agir. A diferença é processo de subjetivação: ensina modos de ser e de agir. A diferença produz e é fruto das relações de poder (MARCELLO, 2004, p. 205, grifo da autora).

A diferença, portanto, produz práticas e indica formas de agir. As diferenças entre Carla e Vânia apontam para formas de ser que experimentam a feminilidade e a juventude sob pontos de vista distintos. Sob expectativas distintas, formas singulares de estar e de se apresentar ao mundo. A construção desse “eu” que povoa os perfis de redes sociais como o *Facebook* e o *Instagram* nos permite visualizar as formas como cada uma delas vai constituindo-se, de maneira mais ou menos afetada pelos dispositivos. Conquanto, existam, nos dispositivos, elementos vários que atuam concretamente nos indivíduos, não são estáveis, tampouco fixos. As fotografias das três que foram postadas no *Facebook* se assemelham. Primeiro, é importante destacar esse fato, ou seja, a festa se prolongou nesse espaço de sociabilidade, ou seja, mesmo quem não foi à festa dela participou a partir das fotografias nas redes sociais. As três postaram as fotos em que apareciam com o vestido principal da festa, muito diferente das roupas que costumam usar e mesmo que costumam escolher para uma ocasião mais especial. Carla e Aurélia, no modelo de princesa, com tons claros, babados, rendas e uma tiara na cabeça, conduzindo a construção dessa imagem de princesa.

Vânia, mesmo adotando o tom vermelho e sem babados e rendas, também utilizou um vestido que demonstrava uma preparação para festa que é incomum no seu cotidiano. O atravessamento de classe também estava presente. Quem não conhece a realidade das três e observa apenas as imagens da festa não as define como pertencentes à classe com renda mais baixa, demonstrando todo esforço financeiro que essa data exige. As fotografias também revelavam o espaço em que foi realizada a festa, passando uma imagem de mulheres jovens de uma classe média.

O dispositivo da feminilidade aparece também na forma de se constituir como jovem, como namorada, como mulher, como aquela que já está num relacionamento. Estar ou não num relacionamento também se constitui num rito de passagem para a juventude. Com Amélia tem sido assim. Conversamos sobre relacionamento em quase todos os nossos encontros, com muita expectativa daquelas que ainda não vivenciaram essa experiência, com euforia daquelas que estão vivendo esse momento, num processo de ensinar e aprender que se estabelece nas trocas entre essas mulheres sobre suas experiências. Amélia nos fornece um exemplo do que está vivendo no relacionamento com o namorado e nas diferenças que marcam as relações entre os gêneros nos seus entendimentos de relacionamento.

Ele não entende. Às vezes eu falo: André, fica aí na sua casa, amanhã a gente encontra. Mas ele acha que eu não quero ficar com ele. Uma vez que eu falei isso, a mãe dele me contou que ele saiu de casa e voltou três horas da madrugada (Amélia).

Namoro, compromisso, idas e vindas na construção do relacionamento e a gravidez que chega irrompendo sem pedir licença na vida de Amélia marcaram os encontros nos grupos focais com as mulheres jovens. Agora, o dispositivo da maternidade age nessa mãe/mulher/jovem. A autora Fabiana de Amorim Marcello (2005) discute o dispositivo da maternidade a partir de imagens que circulam em revistas de celebridades, como a *Revista Caras*.

No conjunto de materiais analisados, foi possível evidenciar que uma das formas de constituir o par normalidade/anormalidade é dar visibilidade e

enunciabilidade aos sujeitos mães-adolescentes e, conseqüentemente, à modalidade materna “mãe-adolescente”. Considerado como um dos elementos centrais para a produtividade da norma no dispositivo da maternidade, o sujeito-mulher adolescente, da forma como enunciado, evidencia características não condizentes com uma noção de maternidade hegemônica, normativa. É válido compreender sua produtividade em relação à colocação em discurso de aspectos normativos da maternidade. Ou seja, é válido, portanto, caracterizar a dinâmica que o dispositivo suscita ao fazer destas peculiaridades do sujeito-mulher a sua condição de produção de um sujeito-mãe “anormal” (MARCELLO, 2005, p. 85).

Nesse texto, intitulado *Dispositivo da maternidade: mídia e a produção pedagógica de sujeitos, práticas e normas*, Fabiana Marcello (2005) apresenta o argumento de que a maternagem, ou a maternidade, também segue modelos hegemônicos nas publicações analisadas, em que a “mãe adolescente” é vista como alguém despreparada tanto física como emocionalmente para ter uma criança. “*Tem horas que nem eu acredito!*”. Assim Amélia se expressou frente à realidade tão nova que significava a chegada da filha Emília em sua vida. Fabiana de Amorim Marcello (2004), ao problematizar sobre o dispositivo, aponta para uma questão que nos parece fundamental para olharmos a atuação do dispositivo: o acontecimento.

Edgardo Castro (2016) diz, em *Vocabulário de Foucault*, que, para o filósofo francês, sobre o conceito de acontecimento, “podem-se distinguir dois sentidos desse termo: o acontecimento como novidade ou diferença e o acontecimento como prática histórica” (CASTRO, 2016, p.24). Essa mudança ocorrida com Amélia certamente alterou sua maneira de viver. Nas palavras de Fabiana:

[...] ao trabalharmos com o conceito de “dispositivo”, não estaremos lidando com uma estrutura fechada, organizada, cujos elementos em jogo estão previamente dados, mas, antes, com aquilo que é da ordem do imprevisível, da ordem da criação: o acontecimento (MARCELLO, 2004, p. 211).

Emília surgiu como “acontecimento” que tirou Amélia de um lugar de mulher, jovem, namorada,

estudante e a levou para outro, desconhecido, que é o lugar de mãe. Amélia segue sendo mulher, jovem, namorada e estudante, mas de uma outra forma, com a necessidade de essas identidades agora terem que negociar com uma nova: a de mãe jovem. Sem essencializar a maternidade, ou seja, sem entender a maternidade como universal, natural e desejável por todas as mulheres, podemos dizer que Amélia vai dessubjetivando-se e assumindo outra identidade. Emília já nasceu nas redes sociais, Amélia subjetiva a filha e a si mesma. Seguindo as redes sociais de Amélia, podemos observar que Emília já faz parte de sua rotina, foi incorporada ao seu cotidiano. Emília diz de uma Amélia que agora também é mãe e que precisa aparecer nas imagens que compõem Amélia nas redes sociais como uma comprovação de que é mãe e de que estão em outro lugar social. A maternidade dá um outro lugar para essa mulher jovem, numa relação de poder em que a maternidade é utilizada como um valor. Essa visão não essencialista do ser humano é importante para entender a juventude em uma visão ampla e cheia de nuances. Paulo Carrano (2018) e Juarez Dayrell (2007), entre outras autoras e autores, já discutiram sobre a inexistência de uma única forma de ser jovem.

Existe a jovem mãe, a jovem umbandista, a jovem jogadora de basquete, a negra, a bissexual, a gorda, a solteira, a compromissada e, junto a tudo isso, ainda existem interseccionalidades⁶ que tensionam essas identidades sociais. Assim, viver a juventude não elimina características que colocam as mulheres ora em um lugar e ora em outro. Vânia, a jovem branca e ruiva, bissexual e umbandista aponta para a questão de que onde há poder, há resistência. Foucault (2018), em *Microfísica do Poder*, diz que o poder não é apenas repressivo, mas que também produz algo. Em suas palavras:

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como

⁶ Carla Akotirene explica que o conceito de interseccionalidade foi criado por uma jurista estadunidense – Kimberlé Crenshaw – para tentar metodologicamente pensar que não existe separação entre racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado. A entrevista completa da pesquisadora baiana encontra-se em <https://www.geledes.org.br/o-que-e-interseccionalidade/>

uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir (FOUCAULT, 2018, p. 45).

Na sala de aula, onde há o poder quase hegemônico do cristianismo, Vânia aponta sua religiosidade e sua fé, resistindo ao poder que circula nos discursos de ódio e intolerância em relação às religiões de matriz africana. A resistência, nessa situação, tem a ver com o entendimento de Vânia de que é possível dizer sua verdade, mesmo que muitas pessoas não pensem como ela. Foucault (2018) ressalta que,

[...] em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que essas relações de poder podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso. Não há possibilidade do exercício do poder sem certa economia dos discursos de verdade que funcione segundo essa dupla exigência a partir dela. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade (FOUCAULT, 2018, p. 278-279).

No caso de Vânia, a citação de Foucault nos inspira a pensar a relação entre poder e resistência em dizer que frequenta terreiro e namora meninas e meninos, entendendo a relação de poder e discurso como vinculada à constituição de si. A hegemonia de uma fé – e também de uma bissexualidade – existe por meio de um atravessamento com o que essa jovem representa. Entender que o poder só existe pelo fato de também existirem as fissuras, as resistências, as frestas, caso contrário, seria o autoritarismo que impõe o silêncio. O dispositivo da “confissão” atua sobre a jovem Vânia, servindo para estabelecer um tipo de relação com as outras e os outros e consigo mesma, atravessada por relações de poder. Ainda sobre a confissão, Jean-François Bert (2013) diz que:

[...] é insistindo na verbalização sempre mais importante dos indivíduos, em particular no desvelamento de sua sexualidade, que Foucault descreve o modo como o poder obtém a

participação sempre mais ativa dos indivíduos em sua própria disciplinarização (BERT, 2013, p. 112).

Seu corpo, suas escolhas, a verbalização de sua sexualidade e religiosidade nos fazem pensar que “não há práticas sem discursos, não há corpos sem técnica” (CASTILLO, 2015, p.7). Assim como as outras jovens, Vânia constrói sua prática por meio de discursos, entende-se, projeta-se, vai ao encontro do que percebe ser importante para sua representação, torna-se alguém que tem o que dizer por meio de um corpo que traduz suas verdades. Foucault (1988), em *História da Sexualidade I – a vontade de saber*, fala sobre a confissão:

[...] a confissão é um ritual do discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é, também, um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar; um ritual onde a verdade é autenticada pelos obstáculos e as resistências que teve de suprimir para poder manifestar-se; enfim, um ritual onde a enunciação em si, independentemente de suas consequências externas, produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe a salvação (FOUCAULT, 1988, p.70-71).

O processo de confissão atua em todas elas, sejam confessando para si e para as outras e os outros, mas também nos processos de vigilância que estabelecem entre si, sendo as redes sociais o espaço privilegiado para essas duas ações conjuntamente. Kátia passou a usar aliança de compromisso com seu namorado Iuri e a alterar sua maneira de se comportar na escola, ficando mais séria. Imediatamente também alterou o seu *status* no *Facebook*, de solteira para “relacionamento sério”, revelando para todas e todos sua nova condição social. Essas mudanças de comportamento demonstram que vão incorporando um certo “modelo” de se comportar, quando estão em um relacionamento, algo que aprenderam socialmente entre as outras mulheres e em relação ao que se espera do comportamento masculino. Diana, que também está em um relacionamento, acrescenta mais uma função

das redes sociais no que diz respeito à relação com o namoro. Ela se sente ameaçada por outras meninas: “*Eu sei que muitas meninas vão ‘no’ (sic) meu Face pra olhar as fotos com meu namorado. Eu até coloquei um recado lá pra quem for fuxicar*”. O Facebook se tornou esse espaço de confissão, de divulgação e de mandar recados. Colocar um recado para outras mulheres no Facebook é uma forma de ensinar o que, no interior do gênero, diz de um processo educativo do sujeito naquilo que se espera de comportamento adequado. Carla e a sua fala sobre ter um *crush* mais velho parece demonstrar uma tentativa de estar mais próxima às colegas do grupo:

É uma pena que vocês não vão poder conhecer ele. A gente se conheceu em um jogo de basquete meu, quando eu fui jogar lá em Belo Horizonte. Ele foi o juiz, acho que ele tem mais de trinta anos. Eu gostei dele porque foi a única pessoa que veio me ajudar quando minha tia caiu na arquibancada lá no ginásio de Belo Horizonte (Carla).

Carla parece se sentir pressionada por já ter 15 anos e “ainda” não ter um relacionamento, algo valorizado entre as mulheres desse grupo. Para abrandar essa cobrança e, ao mesmo tempo, fazer parte do grupo, ela compartilha suas experiências nesse campo, mas lamenta não poder “comprovar” essa vivência pela impossibilidade de fotografias, por ele morar longe, por ser mais velho e por ser algo que ainda não passa de um desejo da parte dela, enfim, parece ser algo que ela está vivendo em função do que foi estabelecido pelo grupo como necessário. A fala de Carla nos conduz a uma interrogação importante para pensar como vamos construindo nossos desejos. Como nossos desejos dizem de uma relação com o social, com o grupo de pertencimento ao gênero, à sexualidade, à faixa etária, enfim, como nossos desejos negociam com os diferentes marcadores identitários que vamos acionando.

Esses marcadores identitários também aparecem em outras ocasiões para falar do que significa ser mulheres jovens que se aproximam em determinados momentos, mas que se afastam em outras situações. Aurélio, por exemplo, reclama por não ter muitas ofertas de maquiagem para peles negras como a dela. “*Às vezes eu só passo o filtro solar mesmo, porque, mesmo sendo negra, eu me queimo, então,*

como não tem muita coisa pra minha pele, eu acabo usando isso”. Vânia nos relata sobre a umbanda e sua dedicação: “*Tem dias que demora muito lá no barracão*”. Nas vivências juvenis há muitas descontinuidades ao padrão vigente que são experimentadas pelas mulheres desta pesquisa, por exemplo. Não podemos dizer de uma forma de ser jovem, tampouco de ser jovem na internet. Com as imagens que produzem de si, não é diferente. Paula Sibilía (2016) nos diz que

os canais interativos da internet hoje são utilizados, com graus de frequência e intensidade, para que cada um possa criar e manter a sua obra mais preciosa: um *eu* visível. De frente e perfil, sem limites de espaço nem de tempo, um barulhento festival de personalidades alterdirigidas, sempre em exposição e interconectadas (SIBILIA, 2016, p. 305).

Os tantos “eus” visíveis nesses espaços virtuais dessas jovens nos mostraram que a imagem de cada uma delas é cuidada e pensada sobre o que querem dizer de si mesmas. Essas pessoas, que habitam a internet, constroem seus discursos, confessam sobre suas vidas e particularmente vão sendo afetadas por dispositivos, estão em busca de suas verdades, de se construir e de saber mais sobre suas existências.

Imagens de si

As imagens de si, presentes nas redes sociais dessas jovens, retratam para além de si mesmas, dizem de uma “curadoria” de suas próprias personagens, de seus eus variados que se compõem por imagens e representações.

Assim, Amélia apresenta para os seus seguidores uma imagem de corpo desenhado pelas roupas justas, em que se autorretrata (trata-se de uma *selfie*) diante de um espelho, tendo ao fundo um painel com uma coroa em tons de dourado, mantendo o ar feminino tanto pelo acessório da coroa, que remete à ideia de princesa, como pela pose do corpo, tendo uma das mãos segurando o cabelo, construindo uma sensualidade como marco do feminino. Laura escolhe se apresentar por uma fotografia, tirada por uma outra pessoa, em que aparece somente o lado esquerdo do rosto, olhando diretamente para a câmera e, por

consequência, para nós que observamos a imagem, tendo ao fundo uma outra fotografia em que aparecem duas mãos unidas, formando um coração, construindo um ar de romantismo e uma aposta no amor. Vânia também elege uma foto de rosto para compor sua página inicial, mas, diferentemente de Laura, o rosto aparece num olhar fixo, com os cabelos presos, um semblante sério, construindo um ar mais adulto considerando que se trata de uma jovem mulher, tendo ao fundo uma outra fotografia em que aparece abraçada com uma criança num parque, enfim, um conjunto que afasta Vânia de sua juventude, aproximando-a de uma ideia de mulher adulta. Kátia também escolhe uma fotografia em que se autorretrata (uma *selfie*), sendo abraçada por trás pelo namorado. Diferente de Amélia, que não está sorrindo na sua *selfie*, Kátia apresenta um sorriso largo, demonstrando uma felicidade que logo é associada ao fato de estar namorando. Ao fundo há uma outra foto em que aparece numa festa beijando seu namorado, reforçando a importância desse momento da sua vida em que está namorando. Diana também escolheu uma foto com o namorado para se apresentar no *Facebook*. Não se trata de uma *selfie*, mas de uma fotografia tirada por outra pessoa numa ocasião em que os dois estão abraçados e de corpo inteiro, lado a lado, num momento de socialização, de maneira que a foto passa uma espontaneidade. Ao fundo, temos o recorte de um trecho de uma conversa no *Whatsapp* em que aparecem vários corações entre as mensagens de carinho entre os dois, formando, mais uma vez, um conjunto em que o amor e o namoro são reforçados. Amélia também escolheu uma foto *selfie* de corpo inteiro diante de um espelho, sentada ao lado da sua cama, numa pose sensual, com roupas justas e curtas, mostrando suas pernas longas e bem delineadas. Diferente das outras jovens, não há nenhum símbolo ou fotografia ao fundo. Carla elege fotos tiradas por ocasião da sua festa de 15 anos, definindo de imediato seu vínculo à juventude a partir desse rito de passagem. Na foto principal aparece em uma fotografia colorida de corpo inteiro, vestida de princesa, com roupas em tons de rosa e com uma tiara na cabeça. Para a imagem de fundo, Carla fez um recorte da fotografia de primeiro plano, em que aparece somente o seu rosto, em preto e branco e com a frase “15 anos”, reforçando a importância dessa data e dessa festa para sua constituição.

Assim, elas vão narrando suas vidas, construindo a história que fica registrada na “nuvem”, no espaço virtual que cada página pessoal na internet possui. Segundo Liz Rideal (2018, p. 05), a “perspectiva sobre a representação visual do eu modificou desde a data da aparição dos telefones móveis com câmera e as Redes Sociais, com a chegada das onipresentes *selfies*”. A autora também afirma que o ser humano possui o desejo de se representar, havendo, desde o Egito Antigo, a presença desse tipo de imagem.

No entendimento do que são as imagens de si, tomamos como referência o *cuidado de si*, discutido por Michel Foucault em *A hermenêutica do sujeito* (2014) e *História da Sexualidade III – o cuidado de si* (2007). Assim, nas palavras do filósofo francês, entendemos que “é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidados contigo mesmo. É nesse âmbito, como que nolimite desse cuidado, que aparece e se formula a regra ‘conhece-te a ti mesmo’” (FOUCAULT, 2014, p. 6).

Cuidar de si, nessa perspectiva, tem a ver com conhecer-se “o cuidado de si vai ser considerado, portanto, como o momento do primeiro despertar” (FOUCAULT, 2014, p. 9). Isso tem a ver com inquietar-se, é uma atitude reflexiva sobre si e sobre as outras, os outros. A relação que estabelecemos com as imagens das jovens e o cuidar-se parte da compreensão de que, ao se inquietar, ao movimentar a vida, estão caminhando na compreensão do que é importante para elas. Os dispositivos que atuam nessas vidas fazem com que sejam quem são, ao mesmo tempo únicas e plurais, que tenham atitudes gentis para com suas existências.

Possuir atitudes gentis para si mesmas é uma forma de autocuidado nesse universo de curtidas, compartilhamentos, comentários nem sempre amigáveis que recebem sobre suas imagens. Essas imagens de si são representações pensadas sobre como querem ser vistas e conhecidas, portanto, não são banais. Relacionando cuidado de si, imagens de si e escritas de si – que aqui são entendidas como as próprias imagens – entendemos que há um entrelugar nas imagens que são publicadas e o que acontece com quem as vê. Essa movimentação que acontece nesse entrelugar, o lugar de quem publica e o lugar de quem

vê, comenta, curte e cria subjetividades, altera a maneira como a imagem originalmente foi postada.

A relação das jovens com suas imagens é potente, criativa, curiosa e contribui para o entendimento de que os dispositivos agem na maneira como nos tornamos o que somos. As feminilidades estão em construção e fotografar-se pode ser uma maneira de se reconhecer neste mundo pouco reflexivo sobre as interioridades dos sujeitos. Percebemos que as jovens, em suas imagens de si mesmas, se descobrem, se movimentam e, nesse contexto, vão construindo a ideia de que esse eu mostrado não é algo fragmentado ou estanque. Não é algo longe, inatingível; é uma criação, invenção, uma bricolagem sobre a vida, sobre ser, ver e participar da vida. Luiza Batista Amaral (2019) assim se manifesta:

A produção e a coleta de imagens feitas por usuários de redes sociais como o Instagram é um potencial arquivo do cotidiano, um mosaico de impressões composto pelo que resta da experiência, a fotografia. Coletar essas imagens e dispô-las em coleção, assim como o trapeiro coleta o que restou no ambiente urbano, traz uma possibilidade de lermos a atual atmosfera de ruína que vivenciamos marcada pela proliferação de imagens de museus incendiados, desastres ambientais e construções e projetos paralisados. Coletar é um exercício de fazer ver (AMARAL, 2019, p. 12).

Dessa forma, as jovens mulheres colecionam momentos de si, produzem imagens que elegem ser mais interessantes para dizer de suas vidas, criam laços, desavenças, enfrentam críticas, perseguem elogios. A fluidez da vida talvez peça por eternizar momentos, mesmo que esses momentos durem a “eternidade” de 24 horas. Talvez elas não queiram que a vida escape, que o momento passe, que a foto envelheça. Nesse sentido, o conceito de escrita de si de Michel Foucault pode ser entendido na leitura das imagens que essas jovens produzem de si mesmas. Produzir, divulgar e comentar as imagens de si seria também uma variante da escrita de si, que consiste em fazer da própria vida uma obra de arte ou apropriação de espaços de liberdade.

As imagens são uma forma de falar de si. Ao produzirem, publicarem e fazerem circular suas imagens, as jovens estão falando de si, tomando-se como objetos do discurso. A imagem que cada uma das

jovens produz e divulga em suas redes representa um desafio para que sejam capazes de se cuidar. Podemos pensar que os dispositivos de feminilidade que atuam em suas vidas representam práticas que possam contribuir com a constituição do que cada uma espera para si. Dessa forma, ao se conhecerem mais intimamente, poderão escapar dos discursos normativos, das normas fixas que insistem em aprisionar, achatam, estigmatizam, podendo refletir sobre si com suas imagens e suas interações.

Kátia, nos encontros do grupo focal, se mostrava interativa com uma certa liderança, coragem e ousadia, passando uma ideia de uma mulher com atitude. Ela, que é capaz de construir um discurso sobre si mesma, assim apresenta a descrição de si:

Eu sou muito comunicativa com todos, na vida e na rede social falo muito também, converso com muitas meninas. Eu quero ter meus estudos completos, ter dois filhos, me casar e dar um futuro melhor para minha família (Kátia).

Na sua fala, há um encontro entre o que é, ou o que quer ser, e um projeto de futuro, dois movimentos de produção da subjetividade: um “eu agora” e um “desejo de de identidade”. Dois movimentos que são inscritos pelo dispositivo da feminilidade, que espera das mulheres uma simpatia e união entre o grupo de mulheres, mas que, no futuro, esteja casada e com filhos. Os discursos do casamento e da constituição de uma família que passe pela ideia de ter filho é algo que subjetiva as mulheres como projeto de sucesso. Esses projetos vão sendo construídos, na atualidade, nas redes sociais, que se tornaram locais de transmissão desses projetos como sucesso. Não, por acaso, assim que Kátia iniciou um relacionamento, ela, rapidamente, postou foto com o namorado, nas suas redes sociais, alterando o status de solteira para “relacionamento sério”. A definição que foi capaz de construir de si se modificou com a chegada do namorado Iuri: outros comportamentos, mais enquadrados com o que se espera de uma namorada, como ela mesma diz: “Agora tô namorando e as coisas mudam um pouco. Não posto tantas fotos e nem sempre vou ficar dançando aqui na escola”. Eva Illouz (2012) traz uma reflexão importante para entendermos que o relacionamento amoroso para Kátia é um valor, um reconhecimento de

seu esforço para a felicidade. Todavia, esse modelo presente até hoje e decorrente da Modernidade tem sofrido alterações. A autora diz o seguinte:

A busca de uma pessoa com que fazer um contrato emocional, leva a pensar que se deve maximizar a gratificação e o reconhecimento ou valia mútua, e minimizar o sofrimento. Os modelos de abnegação, sacrifício e entrega total ao outro, que era explicitado por um antigo romantismo, é considerado como uma ameaça a autonomia e por onde se diminui as possibilidades de cada um, em sua individualidade. Se chegou a conclusão de que a relação amorosa não deve comprometer e tampouco mobilizar as experiências pessoais de cada um (ILLOUZ, 2012, p. 216).

As transformações dessa jovem mulher podem ser problematizadas a partir do encontro com os escritos de Eva Illouz, que nos convida a pensar que o amor não necessita ser um fardo, o relacionamento não precisa ser limitador para as vivências pessoais de qualquer um das/os envolvidas/os. Kátia fala em nosso grupo que:

Às vezes eu até quero marcar alguma coisa no fim de semana com vocês, o nosso piquenique no Jardim Botânico, mas é que, no final de semana, eu não posso mesmo. Quando chega a sexta, eu já vou para a casa do Iuri e fico lá o final de semana inteiro com ele. O trabalho dele mudou, ele não está mais no quartel, agora trabalha na oficina e então eu fico lá (Kátia)

A jovem líder do grupo de dança na escola mostra-se preocupada com o relacionamento e também com o futuro, que inclui dois filhos, estudo e vida melhor para sua família. Falar no grupo com outras mulheres da mesma faixa etária e que estão vivendo experiências semelhantes é uma forma de ensinar e aprender no interior do gênero, de maneira que o gênero feminino também se constrói no interior do próprio gênero. Uma troca e compartilhamento que também ocorre nas redes sociais. Os espaços virtuais são territórios importantes para as/os jovens da contemporaneidade. Nesses veículos de comunicação e, principalmente, de interação, as imagens são cuidadosamente escolhidas para ilustrar, definir, reforçar, identificar. Há um investimento no que se

divulga na rede. Assim, havendo investimento nas imagens que serão vistas, as escolhas feitas podem evidenciar posicionamentos, que, para quem divulga, podem ser adequados para ilustrar esta ou aquela intenção. Seriam discursos de verdade de si mesmas? “A verdade do discurso de si sobre si mesmo garante a conquista de uma certeza de um ‘eu’ que diz ‘sou tal e qual’, sobretudo, ‘não me confundam!’”. É no discurso do si para si mesmo que reside a verdade sobre si” (LEITE, 2013, p. 100).

Leite (2013) dialoga com a questão da verdade que Foucault explora de forma intensa em sua obra. A questão da verdade do sujeito é algo problematizado por Foucault, uma vez que a verdade na essência é algo que não existe. O que existe são versões de verdade e não a verdade essencialista e universal. Em *História da Sexualidade I*, Foucault (1988) nos leva a entender que a confissão religiosa, a pedagogia, a medicina, o direito, a família, entre outras instituições de poder, buscavam saber a verdade do sexo. Essa vontade de saber, que, às vezes, não percebemos, nos coage:

A obrigação da confissão nos é, agora, imposta a partir de tantos pontos diferentes, já está tão profundamente incorporada a nós que não a percebemos mais como efeito de um poder que nos coage; parece-nos, ao contrário, que a verdade, na região mais secreta de nós próprios, não “demanda” nada mais que revelar-se; e que, se não chega a isso, é porque é contida à força, porque a violência de um poder pesa sobre ela e, finalmente, só se poderá articular à custa de uma espécie de libertação (FOUCAULT, 1988, p. 68-9).

Há muito de confessional nas redes sociais. Foucault não viveu o bastante para analisar esse fenômeno que constrói e destrói verdades em uma velocidade assustadora. A obrigação de uma boa *selfie* pode dizer de uma verdade, de uma construção, de algo momentâneo! *Não me confundam!*: há lugares e espaços para muitas juventudes, muitas formas de expressar preferências, culturas, formas de se mostrar ao mundo. Ao visitarmos perfis de jovens nas redes sociais, ainda que de forma despreziosa, é relativamente fácil identificar que são muitas as juventudes, embora existam adesões a grupos, formas de pensar, ideologias religiosas, preferências musicais, entre outros tantos. A vivência da juventude pode nos

mostrar resistências e criatividade, ancoradas na diversidade das várias linguagens, identidades e expressões culturais produzidas por elas. Subjetivar-se passa por tudo isso... Foucault defende a resistência como parte do poder, como atributo nessa relação de forças que é o poder. E, para que a resistência se configure como tal, deve ser tão inventiva quanto o poder, tem que ser criativa e inventiva!

As imagens que intensamente fazem parte da cultura juvenil nos permitem entender que o corpo possui um lugar de destaque na constituição das identidades, pois, mais do que um corpo, representa modos de vida. Edvaldo Souza Couto (2012), em seu livro *Corpos voláteis, corpos perfeitos: estudos sobre estéticas, pedagogias e políticas do pós-humano*, discute sobre a centralidade do corpo para a nossa sociedade:

Para o homem ocidental, o corpo se tornou o lugar de sua identidade e seu modo de ser. Nossa época se rende aos diversos cultos que celebram e festejam a corporalidade. Das práticas esportivas ao uso proliferado do silicone e das cirurgias plástica, muitas temáticas e terapias servem para hipervalorizar e pavonear o corpo nas ruas, praias, clubes, páginas de revistas, programas televisivos, filmes publicitários, imagens diversas na internet, nas passarelas, nas galerias de arte (COUTO, 2012, p. 140).

O corpo extrapola a materialidade, extrapola também suas funções biológicas e passa a ser expressão e manifestação das identidades. Nas muitas esferas sociais, o corpo assume um papel de discurso, pois vai além de designar algo ou alguém, mas diz de escolhas e marcas importantes do sujeito. Por discurso, Michel Foucault (1986) nos esclarece em sua *Arqueologia do saber*:

consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 1986, p. 56).

As expressões das identidades juvenis, que passam por seus corpos/discursos nas redes sociais, são expressões que nos dizem de pertencimento, uma vez que a leitura dos corpos nos permite certa “dedução” da identidade. Os laços formados por meio da grande teia que é a internet e suas inúmeras possibilidades possuem um papel fundamental no processo de visibilidade dos diferentes grupos que habitam essa rede. Não possuindo uma propriedade que seja original, o sujeito é uma junção das vivências culturais, sociais, históricas e geográficas, daí o entendimento de que a vivência virtual é, para grande parcela da juventude, importante elemento na construção da subjetividade. Assim, nesta definição de quem é o sujeito não é interessante perder de vista o caráter transitório dessa identidade e nem deslocá-la das marcas culturais. Ao longo das nossas análises neste artigo, buscamos um sentido de identidade como uma viagem, em que a etapa mais importante não é a chegada e, sim, todo o processo de ir.

Considerações finais

Vânia, Amélia, Carla, Laura, Kátia, Aurélia, Diana vão dizendo de si por meio de imagens e, principalmente, por meio do que constroem sobre essas imagens. Há o corpo, o discurso e as escolhas sobre as formas de se apresentarem ao mundo. Cada indivíduo, como nos mostra Foucault, é, “sem dúvida, o átomo fictício de uma representação ‘ideológica’ da sociedade; mas é também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica de poder que chamamos de disciplina” (FOUCAULT, 2014, p. 189). Foi essa fabricação da realidade, fabricação de si nos diálogos com outras mulheres que mostramos ao longo do artigo. Assim, lidamos com a visão de juventude como etapa de construção, sendo esse processo o importante, e não a juventude em si. Os encontros com as sete mulheres nos mostraram a impossibilidade de falar em juventude no singular, mas a necessidade do seu uso no plural, um indicativo da impossibilidade de pensar a juventude como algo natural e homogêneo.

O que esta pesquisa mostrou é que, no cotidiano em que nos encontramos, os discursos sobre juventude circulam de maneiras distintas, dissonantes, contraditórias. Há um discurso médico, psicológico, educacional, sociológico, midiático e também o

discurso dito pelas/os próprias/os jovens, que tentam enquadrar a pessoa jovem neste ou naquele formato de ser, de viver, de se relacionar, de se constituir. A multiplicidade como própria ao sentido da juventude. Nas mulheres deste estudo, observamos possibilidades variadas de experienciar a vida juvenil. Em um grupo pequeno, com sete jovens e sete vidas muito distintas, sete maneiras muito diferentes de viver. Embora entendamos que há elementos comuns a todas, não podemos dizer de uma unidade nesse grupo.

Diana, Kátia, Aurélia, Carla, Laura, Vânia e Amélia representam sete juventudes, de maneira que não podemos entendê-las sob o mesmo ponto de vista, o que seria impossível e desonesto. Como priorizar uma vivência em detrimento da outra? Como escolher qual delas representa melhor ou com mais fidedignidade o que conhecemos como juventude? São tentativas de essencialização e homogeneização da mulher jovem de que buscamos nos afastar ao longo do artigo. As expressões e ações das jovens demonstram diferentes interesses, o que impossibilita homogeneizá-las. Essa impossibilidade de pensar em um único modelo de mulher jovem não quer dizer que não haja processos e discursos que se repetem e que, nessa repetição, constituam os modos de subjetivação nos atravessamentos entre gênero e faixa etária. Para nós, mulher e menina constituem o que vem a ser o feminino como construto performativo, algo que se repete e, nessa repetição, vai se constituindo em um processo educativo no interior do próprio gênero. Assim, trabalhamos e queremos reforçar nosso entendimento do conceito de gênero como aquele que é produzido por uma sequência de atos. Foi assumindo essa linha de entendimento que mostramos como o dispositivo de feminilidade vai se atualizando nas redes sociais, provocando-nos a pensar o sujeito em processo.

Ao problematizarmos a relação entre as imagens e as constituições de subjetividades em mulheres jovens, compreendemos que os dispositivos atuam sobre elas, assim como atua sobre todos nós, nos modificando, forjando outras e outros dentro de nós mesmas e mesmos. Rosimeri de Oliveira Dias (2019) apresenta um conceito de dispositivo que parece fundamental para ser destacado nestas considerações finais. Para ela, os dispositivos “têm por componentes linhas de visibilidade, de enunciação, de força, de

subjetivação, de fissuras, de brechas, de fronteiras”, o que nos permite pensar que essas mulheres jovens ao mesmo tempo que se constituem na relação consigo, com as imagens e com as outras mulheres, elas também suscitam “outras linhas por meio de variações ou transformações nos encontros” (DIAS, 2019, p.89). As imagens constituem uma rede junto com os discursos, com regras sócias e as estabelecidas entre elas, os espaços dentre outros aparatos que, na constituição desta rede, vão dando significados a mulheres jovens.

As imagens são uma forma de falar de si. Ao produzirem, publicarem e fazerem circular suas imagens, as jovens estão falando de si, tomando-se como objetos do discurso. A imagem que cada uma das jovens produz e divulga em suas Redes representa um desafio para que sejam capazes de cuidarem-se. Nossa aposta era que os dispositivos de feminilidade que atuam em suas vidas representassem práticas que possam contribuir com a constituição do que cada uma espera para si. Desta forma, ao conhecerem-se mais intimamente, poderão escapar dos discursos normativos, das normas fixas que insistem em aprisionar, achatar, estigmatizar. Que possam refletir sobre si com suas imagens e suas interações.

Referências

AMARAL, Luiza Batista. O que o ato de colecionar nos fala sobre o presente? *Revista Brasileira de Cultura*, São Paulo, ano 22, maio 2019.

BERT, Jean-François. *Pensar com Michel Foucault*. São Paulo: Parábola, 2013.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. *Problemas de gênero: feminismos e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARRANO, Paulo. Por uma ação socioeducativa orientada para a reflexividade e a emancipação de adolescentes. *Revista SocioEducação*, ano 2, n. 2 beta, 2018.

CASTILLO, Alejandra. *Imagen, cuerpo*. Buenos Aires: Ediciones La Cebra, 2015.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

COUTO, Edvaldo Souza. *Corpos voláteis, corpos perfeitos: estudos sobre estéticas, pedagogias e políticas do pós-humano*. Salvador: EDUFBA, 2012.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação & Sociedade*, Campinas, n. 28, v. 100, 2007.

DIAS, Rosimeri de Oliveira (Org.). *Escritas de si: escutas, cartas e formação inventiva de professores entre universidade e escola básica*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

_____. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 19. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. *Microfísica do poder*. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. Polêmica, Política e Problematizações. In: FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. 9 ed. São Paulo: Edições Graal, 2007.

_____. *Ditos e Escritos III – Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. *O belo perigo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016

_____. *O que é um autor?* 10. ed. Lisboa: Nova Veja Passagens, 2018.

ILLOUZ, Eva. *Por qué duele el amor: una explicación sociológica*. Espanha: Capital Intelectual, 2012.

LEITE, Marcos Vinícius. Entre a construção de um tipo e a experiência do pensamento em aulas de Filosofia. In: FERRARI, Anderson (Org.). *A potencialidade do conceito de experiência para a educação*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. O conceito de dispositivo em Foucault: mídia e produção agonística de sujeitos-maternos. *Revista Educação e Realidade*, UFRGS, Porto Alegre, 2004.

_____. Dispositivo da maternidade: mídia e produção pedagógica de sujeitos, práticas e normas. In: *Revista Educar*. Curitiba: Editora da UFPR, 2005.

MARSHALL, James. Michel Foucault: pesquisa educacional como problematização. In: PETERS, M.A.; BESLEY, T. (Org.). *Por que Foucault? Novas diretrizes para a pesquisa educacional*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

RIDEAL, Liz. El sueño de Wharol: la multiplicación del yo. In: *500 autorretratos*. London: Phaidon Press Limited, 2018.

ROSE, Nikolas. Como se deve fazer a história do eu? Porto Alegre: *Educação e Realidade*, 2001.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.